

História e progresso em Condorcet

Rodison Roberto Santos¹

Resumo: O artigo trata da relação entre história e progresso em Condorcet, tomando como base o *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano*, obra em que se apresenta uma análise histórica dos progressos das realizações dos homens, desde seus instrumentos práticos para a vida cotidiana, suas organizações políticas, os conhecimentos adquiridos, como a ciência, as técnicas, o conhecimento político e social em geral, bem com as transformações ocorridas no seu espírito, fruto da interação entre todos os elementos que proporcionam o progresso. Em meio a esta obra, o autor expõe seu conceito de perfectibilidade que, por implicar em cumulatividade, originaria o progresso humano.

Palavras-chave: natureza – história – perfectibilidade – progresso – cumulatividade – conhecimento.

Se soubéssemos somente das circunstâncias em que foi escrito o *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano*, sem ao menos considerar o próprio título da obra, poderíamos afirmar que este é um livro de cunho pessimista. Escrito quando seu autor, Condorcet, era fugitivo, sob condições as mais adversas, o texto mostra, ao contrário do que se poderia esperar, uma confiança segura nos progressos do destino do homem. Quais fatores contribuíram para que o trabalho se tornasse o contrário do que se esperaria se considerássemos somente as condições em que foi escrito?

¹ Doutorando no Departamento de Filosofia da USP, sob orientação de Maria das Graças de Souza. E-mail: rodison@usp.br

Em 1793, a Convenção Nacional da França havia condenado à morte Luís XVI e, no período de transição da monarquia para a república, uma nova constituição tornava-se imprescindível. O projeto de constituição proposto por Condorcet, no qual trabalhara durante cerca de quatro anos, junto com sete deputados, entre eles Thomas Paine e Seyès, fora preterido em favor de um outro, elaborado em somente uma semana, por seis deputados anteriormente nomeados pelo Comitê de Salvação Pública. Condorcet se sente traído após haver envidado tantos esforços para apresentar à França uma constituição que, segundo ele, fundaria a República conforme a razão, dentro dos princípios da liberdade e da igualdade.² O então deputado-filósofo se pronuncia e publica um texto de protesto no qual demonstra sua divergência em relação à constituição aprovada e adverte o povo sobre os perigos que ela encerra. Condorcet critica a nova constituição ao afirmar ser ela o fruto do interesse de um grupo particular (referindo-se implicitamente ao Comitê de Salvação Pública), em detrimento do interesse de toda a nação.

O panfleto escrito com este propósito – “*Advertência aos franceses sobre a nova Constituição*” foi veemente o bastante para que um deputado chamado Chabot considerasse Condorcet como um traidor da pátria. O filósofo foi então condenado à prisão. Logo depois, tornou-se um fugitivo.

Foi o período mais difícil da vida de Condorcet. Sua situação familiar tornou-se catastrófica. Por causa da condenação, os seus bens e de sua esposa, Sophie, foram confiscados. Enquanto ele fugia, ela permanecia sem condições de subsistência, com uma filha para cuidar, uma irmã enferma e uma governanta idosa. Jules Michelet escreve que “Mme de Condorcet, bela, jovem e virtuosa, esposa do ilustre proscrito, que poderia ter sido seu pai, se encontrava, no momento da proscrição e do seqüestro dos bens, em uma completa privação”.³

Contudo, ainda segundo Michelet, foi essa infeliz situação da esposa de Condorcet que determinou o incentivo dela para que fosse escrito o *Esboço*:

2 BADINTER, *Condorcet. Un Intellectuel en politique*, p. 640.

3 MICHELET, *Histoire de la Révolution Française*, p. 761.

um doce poder o paralisa, invencível e soberano, a voz desta mulher amada, flor paciente, deixada assim refém das violências do mundo, de tal modo exposta por ele, que por ele vivia, morria. Mme de Condorcet suplica-lhe o sacrifício o mais forte, aquele de sua paixão, de seu combate engajado, isto é, aquele de seu coração. Ela o aconselha a deixar longe seus inimigos momentâneos, todo o mundo de fúria que iria passar e a estabelecer horas do seu tempo, a tomar desde já posse de sua imortalidade, a realizar a idéia que havia nutrido de escrever um *Esboço dos Progressos do Espírito Humano*.⁴

O *Esboço*, apesar de ter sido escrito às pressas devido ao risco de morte do autor, havia sido planejado para ser escrito em melhores condições, provavelmente após a estabilização política da França. Fora um trabalho intenso no qual, durante dias e noites, Condorcet repassava diante si a história do mundo. Meses depois, já com o livro pronto, saiu da pensão onde estava abrigado. Em 28 de março de 1794 ao ser encontrado, foi mandado para a prisão, onde morreu no dia seguinte, em condições até hoje pouco esclarecidas. Não se sabe se foi suicídio ou assassinato.

Como se vê, as condições de composição do *Esboço* mostram-se de certa forma incompatíveis com o otimismo que encontramos na exposição de Condorcet. No entanto, parece-nos possível reformular o problema da interpretação dessa obra, colocando-o não em termos de um otimismo, mas de uma progressividade. A idéia de otimismo é externa à obra e pressupõe uma disposição psicológica. A idéia de progressividade é, ao contrário, interna à obra, e envolve as concepções de perfectibilidade, história, linearidade e cumulatividade.

O pessimismo estaria presente na obra se o autor narrasse a história do ponto de vista de sua própria trajetória. Porém, Condorcet trata de uma outra história: a da humanidade. O autor mesmo escreve que

4 MICHELET, *Histoire de la Révolution Française*, p. 762.

para a história dos indivíduos, basta recolher os fatos; mas a história de uma massa de homens só pode se apoiar nessas observações [aquilo que verdadeiramente forma a espécie humana, a massa das famílias que subsistem quase exclusivamente de seu trabalho]; e, para escolhê-las, para apreender seus traços essenciais, já é preciso luzes, e quase tanta filosofia quanto para empregá-las bem.⁵

Se não é somente sobre a história de um homem, mas sim sobre a história dos homens, então é necessário buscar as origens e os desenvolvimentos da própria sociedade. Outros já haviam empreendido semelhante trabalho, de maneiras diferentes, sob várias circunstâncias e com outros objetivos. Um grande exemplo antecedente foi o *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens*, de Jean-Jacques Rousseau. Que termos de comparação poderíamos usar para compreendermos a relação entre Rousseau e Condorcet?

Há algumas diferenças entre o *Esboço* de Condorcet e o *Discurso* de Rousseau. A principal diz respeito à finalidade de cada obra. Enquanto o *Discurso* busca analisar as causas da desigualdade na sociedade, o *Esboço* passeia pela história buscando entender como a sociedade progride e que motores impulsionam este progresso. Outra diferença é que o *Discurso* foi escrito sob a perspectiva de uma história da origem do homem, ao passo que o *Esboço* surge na perspectiva da história da humanidade desde o seu início até a época em que foi escrito.

No entanto, há algumas semelhanças entre as duas obras. Uma delas é que ambos os autores iniciam seus textos procurando as origens primordiais da história na própria natureza humana. A passagem que Rousseau evidencia isto é a seguinte:

Oh! homem, de qualquer região que sejas, quaisquer que sejam tuas opiniões, ouve-me; eis tua história como acreditei tê-la lido não nos livros de teus semelhantes, que são mentirosos, mas na natureza que jamais mente. Tudo o que

5 CONDORCET, *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano*, p. 173.

estiver nela será verdadeiro; só será falso aquilo que, sem o querer, tiver misturado de meu. Os tempos de que vou falar são muito distantes; como mudaste! É, por assim dizer, a vida de tua espécie que vou descrever de acordo com as qualidades que recebestes, e que tua educação e teus hábitos puderam falsear, mas que não puderam destruir. Há, eu sei, uma idade em que o homem individual gostaria de parar; de tua parte, procurarás a época na qual desejarias que tua espécie tivesse parado.⁶

Deve-se notar que, em Rousseau, a referência ao “homem” implica em um interesse que recai não sobre um indivíduo ou um determinado grupo de indivíduos, mas sobre toda a humanidade.

Condorcet, por sua vez, inicia seu texto com a visão sensualista de Condillac, afirmando que

o homem nasce com a faculdade de receber sensações; de aperceber e de distinguir, naquelas sensações que recebe, as sensações simples das quais elas são compostas, de retê-las, de reconhecê-las, de combiná-las; de comparar entre si essas combinações; de apreender aquilo que elas tem de comum e aquilo que as distingue; enfim, de ligar signos a todos os objetos para melhor reconhecê-los e facilitar suas combinações novas.⁷

Dessa forma, o filósofo escreve sobre esta origem comum do homem, tanto do ponto de vista da espécie quanto do indivíduo, e sobre as características encontradas em qualquer pessoa.

Mais adiante o autor afirma que a característica intrínseca à natureza do homem é a perfectibilidade. Na justificativa de ter escrito o *Esboço*, Condorcet apresenta a sua concepção de perfectibilidade:

6 ROUSSEAU, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, p. 243.

7 CONDORCET, *Esboço de um quadro histórico...*, p. 19.

Tal é a meta da obra que empreendi, e cujo resultado será mostrar pelos fatos, assim como pelo raciocínio, que a natureza não indicou nenhum termo ao aperfeiçoamento das faculdades humanas; que a perfectibilidade do homem é realmente indeterminada: que os progressos desta perfectibilidade, doravante independentes da vontade daqueles que desejariam detê-los, não tem outros termos senão a duração do globo onde a natureza nos lançou.⁸

Originário de Rousseau, o conceito de perfectibilidade é apropriado por Condorcet no sentido mesmo de diferencial da natureza entre homens e animais e como motor das ações racionais do homem. Podemos dizer que a perfectibilidade é um dos elos mais ancestrais entre a natureza primeira do homem e seu desenvolvimento, seja racional, social, histórico ou científico. São muito semelhantes as concepções de perfectibilidade entre Rousseau e Condorcet, porém há sutis diferenças que convêm serem ressaltadas para a compreensão adequada do uso que o filósofo-deputado faz desse conceito. Não chegam a ser mudanças no próprio conceito, mas nas conseqüências dele.

Voltando à passagem que trata do surgimento do conceito de perfectibilidade de Rousseau, encontramos também como características humanas a liberdade e a capacidade de pensar. Porém, a perfectibilidade mostra-se como o elemento que marca verdadeiramente a diferença entre o homem e o animal. Mas mesmo sendo uma característica específica do homem, a perfectibilidade é constitutiva da natureza dele e dessa forma não estamos ainda no âmbito social propriamente dito, mas na fronteira entre o natural e o social.

A palavra aparece no *Discurso* depois de uma longa consideração sobre as semelhanças e as diferenças a respeito das características comuns entre homens e animais, uma minuciosa análise sobre as relações dos homens e dos animais com a natureza e dentro dela. O texto que instaura o neologismo da perfectibilidade é singular e interessante também do ponto de vista da apresentação de um conceito, feito de

forma bastante complexa. Primeiro, Rousseau apresenta a definição, depois compara o homem e o animal e afirma que a perfectibilidade não é necessariamente vantajosa para o homem. Parece algo negativo, e não positivo como em Condorcet, porém, esse modo de definição tem conseqüências importantes. Citamos o seguinte trecho de Rousseau no *Discurso*:

Mas, ainda quando as dificuldades que cercam todas estas questões deixassem por um instante de causar discussão sobre a diferença entre o homem e o animal, haveria uma outra qualidade muito específica que os distinguiria e a respeito da qual não pode haver contestação – é a faculdade de aperfeiçoar-se, faculdade que, com o auxílio das circunstâncias, desenvolve sucessivamente todas as outras e se encontra, entre nós, tanto na espécie quanto no indivíduo; o animal, pelo contrário, ao fim de alguns meses, é o que será por toda a vida, e sua espécie, no fim de milhares de anos, o que era no primeiro ano desses milhares. Por que só o homem é suscetível de tornar-se imbecil? Não será porque volta, assim, ao seu estado primitivo e – enquanto a besta, que nada adquiriu e também nada tem de bom a perder, fica sempre com seu instinto – o homem, tornando a perder, pela velhice ou por outros acidentes, tudo o que sua perfectibilidade lhe fizera adquirir, volta a cair, desse modo, mais baixo do que a própria besta?⁹

Antes de apontar as vantagens da perfectibilidade, Rousseau imediatamente escreve sobre as suas desvantagens e seus perigos. A perfectibilidade é também a porta para a degeneração do homem e, dessa forma, tornar-se imbecil não é a volta à condição de animal, mas é a degenerescência da condição de homem, possibilitada pela própria perfectibilidade. Decorre disso que o progresso pode ser negativo e perigoso. Isso não quer dizer que, para Rousseau, o progresso seja em si mesmo um

8 CONDORCET, *Esboço de um quadro histórico...*, p. 20.

9 ROUSSEAU, *Discurso sobre a origem da desigualdade*, p. 249.

mal, mas sim que ele abre a possibilidade tanto para benefícios quanto para malefícios. A perfectibilidade é condição de possibilidade do progresso que pode ocorrer provocando estes benefícios e estes malefícios. Aliás, da sua observação da história, Rousseau conclui que o desenvolvimento da ciência e das artes contribuiu para a degenerescência moral do homem, como já havia afirmado no *Discurso sobre as ciências e as artes*.

O conceito de perfectibilidade em Condorcet, importado de Rousseau, sofre uma variação: é sempre progressivo e crescente. É o filósofo-deputado que afirma que

sem dúvida, estes progressos poderão seguir uma marcha mais ou menos rápida, mas ela deve ser contínua e nunca retrógrada enquanto a terra ocupar o mesmo lugar no sistema do universo, e enquanto as leis gerais deste sistema não produzirem nem uma desordem geral, nem mudanças que não permitiriam mais à espécie humana conservar aqui as mesmas faculdades, desdobrá-las, encontrar aqui os mesmos recursos.¹⁰

A remissão ao planeta e suas condições internas é uma declaração de confiança elevada na marcha do progresso do homem, pois somente uma catástrofe astronômica e um desequilíbrio planetário impediriam o progresso humano.

Convém aqui passarmos ao conceito de progresso em Condorcet. Ele surge quase intrínseco à idéia de história. Se a perfectibilidade separa definitivamente o homem do animal, logo quando o homem inicia sua marcha sobre a terra, ele já difere qualitativamente do animal, fazendo uso desta perfectibilidade de forma progressiva, isto é, na história. Entra aqui a idéia de cumulatividade.

Condorcet utiliza métodos da matemática, os quais ele conhecia bem (ele fora apresentado como matemático por d'Alembert aos outros iluministas, Diderot, Voltaire e Rousseau entre outros). Além disso, estudou e aprimorou o cálculo de probabilidades e a estatística para utilizá-los

como instrumentos de conhecimento da realidade social e como formas de aprimorar a precisão das decisões políticas do governo e da sociedade. Usou estes métodos para tomar decisões como Ministro da Moeda, no reinado de Luís XVI, já que também era economista, e também para aperfeiçoar os resultados dos sufrágios no período da Revolução Francesa.

Assim, a idéia de cumulatividade, tão cara à matemática, está fortemente implícita no *Esboço*, pois está ligada ao conceito de progresso e influencia a concepção de história de Condorcet. Ela funciona desta maneira: uma ação do homem origina uma outra ação ou reação, que forma uma cadeia de ações e reações. Para além disso, as ações ao mesmo tempo que geram outras, geram também instrumentos, métodos, conhecimentos que vão sendo inventados, aprimorados, substituídos e proporcionam a ocasião para novas ações, descobertas, invenções, maneiras de tratar os problemas, observações e assim sucessiva e indefinidamente.

Do ponto de vista da pedagogia, podemos dizer que a cumulatividade é um sistema que envolve o método de se ensinar partindo dos elementos mais simples aos mais complexos, precavendo-se para que todas as etapas do ensino sejam bem explicadas pelo professor e bem entendidas pelo aluno. Em se tratando de matemática, é fundamental que se parta do elemento mais simples para o mais complexo, pois desse caminho depende a compreensão e o aprendizado da matéria. Esse método é importante porque Condorcet ocupava-se da escola pública e da matemática com bastante interesse, chegando até a escrever um livro instrutivo de como ensinar aritmética intitulado *Moyens d'apprendre à compter sûrement et avec facilité*. Se o professor realiza este método e proporciona ao aluno um bom aprendizado e se o aluno acompanha o raciocínio do professor e aprende bem a matéria, então ele fez progresso ou progrediu. Dentro desse contexto se insere a teoria do progresso. Este processo significa avanço, construção de novos conceitos, compreensão do mundo, autonomia em relação ao conhecimento e possibilidade de inovação e invenção.

Como a cumulatividade se articula com a teoria da história? Como encontramos um elo entre a cumulatividade e a história? Se lançarmos

10 CONDORCET, *Esboço de um quadro histórico...*, p. 21.

mão da perfectibilidade, podemos observar esta faculdade como condição para a cumulatividade, uma vez que a cumulatividade tem como horizonte este aperfeiçoamento.

Tomando como ponto de vista a teoria do conhecimento de Condorcet, encontramos a verdade após a sua busca, seja na matemática por meio de cálculo, na política por meio de posições, discussões e expressões advindas da razão comum e nas ciências por meio de pesquisas. Esta noção de verdade está sempre no meio, ou seja, no equilíbrio, porém ela é fruto do acúmulo de conhecimento e experiências racionais dos homens. Segundo a teoria do conhecimento do filósofo, mesmo diante da inevitabilidade do erro, as pessoas podem e devem buscar uma constante aproximação em direção a um determinado ponto mais correto e para isto é necessário buscar a ajuda do cálculo. Assim, segundo a concepção da verdade do filósofo, o que se denomina verdade só se pode encontrar de forma aproximada no campo da probabilidade. Do mesmo modo que não é uma mera suposição, visto que é produto de uma busca rigorosa, a verdade não é absoluta, porque está sempre aberta a novas questões.

As diferenças entre as concepções de cumulatividade e progressividade são por demais sutis. Podemos dizer que a cumulatividade diz respeito ao conhecimento que se adquire ao longo da vida de cada indivíduo, de um grupo ou de um povo, ao passo que a progressividade é o progresso que se atribui à história, que advém por meio da cumulatividade, do desenvolvimento moral, social e político de um povo e da história comum da humanidade. É a teoria do progresso linear e constante.

Essa teoria está expressa no trecho do *Esboço* a seguir:

se considerarmos este mesmo desenvolvimento [das faculdades que permitem o desenvolvimento do homem] em seus resultados, relativamente aos indivíduos que existem na mesma época em um dado espaço, e se o seguimos de gerações em gerações, ele apresenta agora o quadro dos progressos do espírito humano. Este progresso está submetido às mesmas leis gerais que se observam no desenvolvi-

mento individual de nossas faculdades, já que ele é o resultado deste desenvolvimento, considerado ao mesmo tempo em um grande número de indivíduos reunidos em sociedades.¹¹

Ao que ele expressa neste trecho chamamos de progressividade, mas essa progressividade necessita da cumulatividade como ele mesmo afirma e está expresso no trecho seguinte a este: “Mas o resultado que cada instante apresenta depende daquele que os instantes precedentes ofereciam; ele influi naquele dos instantes que devem segui-lo.”¹²

Não interessa para Condorcet o homem separado na natureza, ou seja, os primeiros instantes do homem sobre a terra, nem os estágios que ocorreram para que chegassem a ser caçadores e pescadores. E, de fato, no caso de comunidades pequenas, o filósofo enfoca sua análise primeira no instante em que os homens já se encontram juntos. Ele se interessa pelos conhecimentos relacionados às práticas, à arte do fabrico de armas, dos utensílios domésticos e da construção de habitações, pela linguagem ligada à estrita necessidade, pelo código moral que, mesmo sendo simples, funciona como lei para a organização da vida comum e das famílias. Enfim, interessa-se pela organização imperfeita de uma sociedade política. Qual é então o maior interesse do deputado-filósofo neste instante primeiro do homem? O maior interesse não é saber como o homem vive, como ele cria seus artifícios, como ele se organiza, mas que conhecimentos ele possui e o que estes conhecimentos lhe proporcionam para superar as dificuldades do período e desenvolver as técnicas que já foram adquiridas.

Embora já detentores de conhecimentos suficientes para prover necessidades básicas, faltam aos primeiros homens alguns elementos cruciais para seu desenvolvimento: o principal é o ócio. Este não é ainda possível porque nesse estágio os homens encontram-se presos às necessidades básicas, junto com as incertezas e as dificuldades de provê-las, o que provoca, de um lado, um cansaço muito grande, e de outro, a necessidade de um descanso proporcional. Somente com o ócio,

11 CONDORCET, *Esboço de um quadro histórico...*, p. 20.

12 CONDORCET, *Esboço de um quadro histórico...*, p. 20.

quando o homem pode gastar seu tempo consigo mesmo exercitando suas reflexões, é que se pode aprimorar a inteligência com as combinações novas de seus pensamentos. Aliado a isto, as necessidades básicas, para serem satisfeitas, ainda são dependentes do acaso e das estações, e as habilidades ainda são desenvolvidas individualmente. Tudo isso impede uma maior transmissão e um maior desenvolvimento do conhecimento.

Somente circunstâncias extraordinárias proporcionam esporadicamente progressos neste período e, por isso, estes progressos foram muito lentos. Apesar disso, o homem adquire mais algumas técnicas, como a domesticação de animais, a agricultura e o desenvolvimento dela, a conservação e a provisão de alimentos. Neste estágio ocorre uma mudança importante: o estabelecimento da propriedade. E como ela se estabelece? Recorramos ao texto:

A propriedade que, no primeiro estado, limitava-se àquela dos animais mortos por ele, de suas armas, de suas redes, dos utensílios de seu lar, torna-se em primeiro lugar a propriedade de seu rebanho, e em seguida a propriedade da terra que ele arroteou e que ele cultivava. Esta propriedade se transmite à família por ocasião da morte de seu chefe.¹³

A propriedade em Condorcet se inicia com a provisão alimentar diária do homem e já se encontra entre os homens nas primeiras comunidades. Ela se consolida com o desenvolvimento das habilidades individuais do homem, as quais dão origem a artefatos de sobrevivência que cada um inventa, imita dos outros e constrói como seus próprios pertences. Mas, com a descoberta de que é muito mais segura a provisão de alimentos quando se domestica animais, o estabelecimento da propriedade se amplia, porque de pelo menos dois animais para a reprodução surgirão cada vez mais indivíduos da espécie, e serão necessários cada vez mais terrenos para o cuidado e a alimentação destes animais, o que ocasiona a expansão das terras associadas à idéia de propriedade.

13 CONDORCET, *Esboço de um quadro histórico...*, p. 22.

Em Condorcet não é a propriedade que dá origem à desigualdade entre os homens, como em Rousseau. A proto-origem da desigualdade é a acumulação primitiva, como expresso na passagem do Esboço:

Alguns possuem um supérfluo suscetível de ser conservado. Se este é absoluto, ele faz nascer novas necessidades: se ele só ocorre para uma única coisa, enquanto se sente a carência de uma outra, esta necessidade dá a idéia das trocas: a partir de então, as relações morais se complicam e se multiplicam. Uma segurança maior, um ócio mais certo e mais constante, permitem entregar-se à meditação, ou pelo menos a uma observação contínua. Para alguns indivíduos, introduz-se o uso de dar uma parte de seu supérfluo em troca de um trabalho que, até certo ponto, serve para que eles mesmos se dispensem de trabalhar. Existe então uma classe de homens cujo tempo não é absorvido por um labor corporal, e cujos desejos se estendem para além das simples necessidades.¹⁴

Leitor dos economistas políticos e mais especificamente de Adam Smith, Condorcet examinou com atenção *Uma investigação sobre a natureza e causa da riqueza das nações*, onde o autor analisa exaustivamente a acumulação, as trocas econômicas e a divisão do trabalho.

No entanto, para além das condições materiais, o que determina para Condorcet a desigualdade de fato entre os homens é a apropriação do conhecimento pelo grupo de homens que detinha anteriormente a acumulação primitiva. Eis o pecado original para Condorcet:

Tenho em vista esta separação da espécie humana em duas classes: uma destinada a ensinar, a outra feita para crer; uma escondendo orgulhosamente aquilo que ela se gaba de saber, a outra acolhendo com respeito aquilo que os outros dignam-se a lhe revelar; uma querendo elevar-se acima da

14 CONDORCET, *Esboço de um quadro histórico...*, p. 22.

razão e a outra renunciando humildemente à sua, e rebaiando-se para aquém da humanidade, reconhecendo em outros homens prerrogativas superiores à sua comum natureza.¹⁵

A classe privilegiada, que detém o conhecimento e o poder, cria a religião e desenvolve a ciência; mas não permite que os outros homens tenham acesso a este conhecimento, para que estes não tenham acesso ao poder e, por conseguinte, não participem do desenvolvimento da ciência, principalmente por continuarem ignorantes e acreditarem em superstições criadas pela religião mantida pelos poderosos. Tais artifícios não apenas limitam o desenvolvimento e a difusão do conhecimento, como também restringem a sua cumulatividade e entravam a marcha do progresso.

O *Esboço* é uma espécie de inventário dos progressos do homem e de como o homem foi, ao longo da história, acumulando o conhecimento, como este conhecimento foi se expandindo, mesmo com a presença de grupos que insistiam em aprisioná-lo. O desenvolvimento de tecnologias, como a imprensa, por exemplo, permitiu uma divulgação mais corrente do conhecimento sem permitir que o controle feito pelo grupo poderoso se realizasse com tanta eficácia.

Para a confecção do *Esboço*, Condorcet necessitou das faculdades do entendimento, da imaginação e da memória. Escrito sem o auxílio de obras de referências, pois estava fugitivo, somente pôde usar como recursos os das suas faculdades. Assim, o entendimento, a imaginação e sobretudo a memória, que é uma faculdade essencial para a história, foram os únicos elementos na escrita da obra.

O progresso é constante na história, mesmo havendo percalços, problemas e dificuldades. Para Condorcet, nada disso impede a marcha ascendente do homem por meio da história. Há, sem dúvida, retrocessos, dificuldades individuais de homens que lutaram pelo conhecimento e por sua divulgação, pela liberdade e pelas idéias que originaram as grandes mudanças. Certamente a história pessoal de Condorcet, no

momento da escrita do *Esboço*, juntamente com os infortúnios de tantos outros, poderia ser incluída entre as histórias particulares dos impedimentos do progresso humano. No entanto, essas histórias não se confundem com a estrada linear da história da humanidade.

As instituições se aperfeiçoaram juntamente com a razão humana ao longo dos séculos. Os revolucionários viviam os resultados dos séculos das Luzes, época que assistiu à compilação do conjunto dos conhecimentos humanos, apresentados e analisados em forma de Enciclopédia. As instituições sociais, políticas e religiosas se modificavam na França, noutros países da Europa e até na América, com a independência dos Estados Unidos, entre outros movimentos. A história testemunhava que o acúmulo de conhecimentos científicos, sociais, econômicos, morais e políticos contribuía para um progresso sem precedentes.

Havia motivos para Condorcet acreditar que o acúmulo dos conhecimentos e os progressos do homem iriam durar indefinidamente sobre a terra, mesmo que, pontualmente, movimentos como a própria Revolução tomassem rumos diversos da marcha progressiva. É como se as sementes lançadas pelos movimentos já houvessem criado raízes fortes para sua continuidade e os vendavais que arrancassem algumas árvores não fossem tão fortes para destruir o bosque inteiro, como as idéias de liberdade, igualdade, progresso, avanço da ciência, difusão do conhecimento etc.

As dúvidas aparecem quando o filósofo pensa acerca do futuro e coloca muitas interrogações, como, por exemplo, sobre a possibilidade de universalização do conhecimento, sobre o impacto da demografia no desenvolvimento, se se chegaria a um desenvolvimento pleno das capacidades humanas, se a ciência seria capaz de resolver muitos problemas, se o desenvolvimento moral seria tão preciso a ponto de ir dirimindo as diferenças e se os direitos estariam algum dia assegurados de forma completa.

Condorcet esperava que o homem, usando a faculdade da perfectibilidade, resolvesse os problemas que tivesse que enfrentar mesmo que soubesse que continuariam sendo muitos. Por isso mesmo, ele afirmava: “já poderíamos concluir que a perfectibilidade do homem é indetermi-

15 CONDORCET, *Esboço de um quadro histórico...*, p. 32.

nada”¹⁶ e “o quanto este quadro da espécie humana, liberta de todos esses grilhões, subtraída ao domínio do acaso assim como àquele dos inimigos de seus progressos, e marchando com um passo firme e seguro no caminho da verdade, da virtude e da felicidade, apresenta ao filósofo um espetáculo que o consola dos erros, dos crimes, das injustiças que ainda maculam a terra e das quais frequentemente ele é a vítima”¹⁷

Assim essa perfectibilidade indeterminada é o suporte e a força que proporciona aos homens, de uma forma constante e linear, a marcha do progresso que engendra e conduz a história. Essa perfectibilidade também contribui para a origem e desenvolvimento do conhecimento, na medida em que permite que este acumule e se difunda. Dessa forma, a história é o desenrolar do progresso que alcançaria os objetivos da perfectibilidade.

History and Progress in Condorcet

Abstract: This article attends about the relation between History and Progress in Condorcet, considering the text *Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain*. In this book, the philosopher analyzes historically the progress of human achievements, their practical instruments used in the everyday life, their political organizations, the knowledges, like science, technicals, political and social knowledge and the transformations into the human spirit, coming of the interacting of all manner of progress elements. In this work, the writer explains his concept of perfectibility, which would originate the human progress because of its association with cumulativeness.

Key-words: Nature – History – Perfectibility – Progress – Cumulativity – Knowledge.

16 CONDORCET, *Esboço de um quadro histórico...*, p. 201.

17 CONDORCET, *Esboço de um quadro histórico...*, p. 202.

Referências bibliográficas

- BADINTER, E.; BADINTER, R. *Condorcet : un intellectuel en politique*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1988.
- BINOCHÉ, Bertrand (Org). *L'Homme perfectible*. Paris: Champ Vallon, 2004.
- BINOCHÉ, Bertrand; TINLAND, Franck (Org.). *Sens du devenir et pensée de l'histoire*. Paris: Champ Vallon, 2000.
- COGGIOLA, Osvaldo (Org.). *A Revolução Francesa e seu impacto na América Latina*. São Paulo: Nova Stella/Edusp, 1990.
- CONDILLAC, Étienne Bonnot de. *Resumo selecionado do Tratado das Sensações*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Col. “Os Pensadores”).
- CONDORCET, Jean-Antoine-Nicolas de Caritat, Marquis. *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. Campinas/SP: Ed. Unicamp, 1993.
- CONDORCET, Jean-Antoine-Nicolas de Caritat, Marquis. *Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain*. Ouvrage posthume de Condorcet. Paris : Agasse. L'an III de la République, une et indivisible. Disponível em: [http://gallica.bnf.fr]
- CONDORCET, Jean-Antoine-Nicolas de Caritat, Marquis. *Moyens d'apprendre à compter sûrement et avec facilité*. Paris : Mallet-Bachelier. 1854. Disponível em: [http://gallica.bnf.fr]
- DESCARTES, René. *Regras para a direção do espírito*. Trad. João Gama. Rio de Janeiro: Edições 70, s/d.
- LENOBLE, Robert. *História da idéia de natureza*. Trad. Teresa Louro Pérez. Rio de Janeiro: Edições 70, s/d.
- MICHELET, Jules. *Histoire de la Révolution Française*. Paris: Gallimard, 1952.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Col. “Os Pensadores”).
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre as ciências e as artes*. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Col. “Os Pensadores”).
- SANTOS, Rodison Roberto. *Igualdade, liberdade e instrução pública em Condorcet*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). São Paulo, 2007.

Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

SMITH, Adam. *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril, 1983.

SOUZA, Maria das Graças de. *Ilustração e história: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês*. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.